Rememorando meio século de pesquisa: a trajetória de William Crocker entre os Ramkokamekra

Entrevista realizada por
Elizabeth Maria Beserra Coelho

O antropólogo William Crocker é um exemplo de dedicação à pesquisa. Construiu uma trajetória impar, dedicando-se por 50 anos a pesquisar um mesmo povo. Produziu um grande acervo de material etnográfico. Curador aposentado do Smithsonian Museum, em Washington, cidade onde vive, Crocker continua, após 50 anos, realizando pesquisa entre os Canela, povo falante de língua Timbira, do tronco lingüístico Macro-Jê, que vive no Maranhão. Em 1957, ao visitar pela primeira vez esse povo, recebeu o nome Canela *P`yb*. Na busca pelo entendimento de expressões culturais distintas e reforço de uma "comunicação eficiente e segura" constituiu alguns Canelas como o que denomina "assistentes de pesquisa", aqueles que, segundo afirma, o ajudam na compreensão dessa cultura. Fundou, juntamente com outros pesquisadores americanos a Timbira Research and Education Foundation, organização que tem como objetivo promover a pesquisa sobre os povos Timbira. Essa fundação celebrou convênio com a Universidade Federal do Maranhão, em 2005, e essa parceria tem promovido, a cada dois anos, o Seminário Temático Timbira. Em 2007, durante esse seminário, Crocker foi homenageado pelos 50 anos de pesquisa com os Canelas, experiência que deu novo significado a sua vida. Entrevistei Crocker numa tarde tranqüila de outubro, em minha residência em São Luís, às vésperas de seu retorno a Washington.

Elizabeth Coelho - Onde nasceu e qual a atividade de seus pais?

Crocker - Nasci na Califórnia, São Francisco da Califórnia, em 1924. Meu pai era banqueiro.

Elizabeth Coelho - Quanto tempo morou na Califórnia e em que cidades morou nos EUA?

Crocker - Até 12 anos de idade morei em São Francisco. Depois fui para o leste, para perto de Boston.

A EXPERIÊNCIA DE GUERRA

Crocker - Aos 18 anos fui inscrito no exército, em 24 de julho de 1943, o que não ocorreu de forma voluntária; com muitas pessoas foi assim. Pretendia ser médico e assim inscrevi-me no programa para tornar-me médico dentro do exército. Mas, cerca de oito meses depois esse programa foi desativado. Então fiquei na infantaria simples e depois de alguns meses em treinamento na mata, me inscrevi para ser oficial da infantaria. Fui encaminhado para treinamento na engenharia, ao invés da infantaria que conhecia bem. Por isso, não me sai bem e fui desligado depois de 15 das 17 semanas da formação. Assim, nunca me tornei oficial. Um dia, passando na porta do comando, observei um cartaz convidando voluntários para aprender a fazer mapas de fotos aéreas. Fiz a inscrição e fui selecionado. Assim fiquei quase até o fim da guerra, em 1945. Concluída a guerra, em setembro, fui para as Filipinas ainda como soldado. Eu estava viajando, com minha família, pelas montanhas da Califórnia, em férias do exercito, quando houve a instalação da bomba atômica. Logo depois, fui no barco *"liberty ship"* para as Filipinas onde fiquei seis meses como soldado da liberação. Lá não havia nada para fazer porque a guerra havia terminado. Permaneci lá junto com um grupo de soldados do departamento de medicina. Enquanto estive lá, pude sair com outros soldados, explorando a região de jipe. Conhecemos um povoado, que não lembro o nome, e gostei muito de andar entre eles, os Ilocanos. Observei seus ritos, casamentos e outras coisas e, naquela ocasião, quase me tornei antropólogo, sem saber nada de antropologia. Numa outra comunidade, Buang de La Union, visitamos várias vezes a mesma família, os Florendos, e assim começou meu interesse pelas culturas diferentes, conhecendo as Filipinas. Depois, voltei aos Estados Unidos e deixei de ser soldado.

Elizabeth Coelho - Como começou a estudar antropologia?

Crocker - Quando chegamos nas Filipinas, inicialmente nós, os soldados permanecemos na praia por uns 10 dias, em San Fernando de La Unión. Havia muitas tendas nessa praia. Sempre chegavam mulheres filipinas para apanhar roupas para lavar e devolver limpas no dia seguinte. Aproximei-me especialmente de uma delas, com quem gostava tentar conversar na sua língua, uma mistura de inglês, espanhol e Ilocano[1]. Não sei por que gostava tanto de fazer isso. Paguei para que ela retornasse

1. Uma língua austronésia, falada primariamente no norte de Luzon, nas Filipinas. O nome vem de *iloko*, o nome nativo das Filipinas. Luzon refere-se a maior e mais importante ilha das Filipinas.

todos os dias e pude anotar muitas palavras da sua língua indígena. Não era a língua principal das Filipinas. Era falada no noroeste de Luzon. Não sei por que fiz isto. É algo estranho, mas sempre gostei de fazer. Nessa região fui também ao interior, perto de Baguio, e encontrei com um povo identificado como caçadores de cabeças.

Depois de seis meses, retornei para os Estados Unidos e de lá fui com dois amigos ao México, com os recursos que havíamos recebido quando fomos desligados do exército. Tínhamos amigos na Cidade do México e os dois colegas que haviam ido comigo gostavam de sair com esses amigos todos os dias. Sai com eles umas vezes, mas preferia estudar espanhol. Depois que meus amigos foram embora do México, fiquei mais seis semanas só estudando espanhol. Gostei muito de andar nos mercados tentando falar espanhol. Comecei a perceber meu interesse em estudar fora do meu país, da minha cultura, um desejo de ficar junto a culturas diferentes. Assim, aprendi bastante espanhol. Exercitei o sotaque com a ajuda de uma foneticista profissional e a gramática com outra senhora, também profissional. Estabeleci, também, um intercâmbio com um venezuelano. Falávamos uma hora em inglês e uma hora em espanhol, três vezes por semana.

Depois fui para a Universidade de Yale, em setembro de 1946. Durante os quatro anos que estudei lá para me tornar bacharel, tive dois cursos ao longo de um semestre dedicados ao espanhol. A exigência da universidade era quatro semestres de língua estrangeira, mas cumpri esta exigência acadêmica em apenas um semestre. O espanhol que aprendi no México me deu três semestres de credito em Yale. Gostei de fazer esses estudos no México, sempre pensando na cultura deles. Eu não sabia que esses estudos informais estavam me dirigindo à antropologia. Eu tinha interesse em países hispânicos ou lusos, porque tinham um tipo de emoção que o povo expressava, que gostei muito. Eu não tinha isso em casa com minha família de tradições britânicas.

No segundo semestre de Yale tinha um curso de literatura espanhola da América do Sul. Lemos uns doze livros. Não havia nenhum livro sobre o Brasil, em português, mas livros de Buenos Ayres na Argentina, do Chile, da Venezuela e de outros paises, sempre romances, novelas famosas, bem conhecidas. Lembro alguns nomes como "El hermano asno"[2], "La voragine" (colombiano), "La pata da zora" e "Don segundo sombra", os dois últimos da Argentina. Assim, eu estava bem dirigido para a América Latina.

Entre o terceiro e o quarto ano de universidade, no verão, entrei num programa de intercâmbio para estudar na França, onde fiquei na casa de uma família francesa durante quatro semanas, em Bordeaux. Esta família não falava nenhuma palavra em inglês e gostei muito de falar francês com eles. Naquele tempo li um livro muito interessante que me direcionou para a antropologia. Chamava-se "Os ingleses, os franceses e os espanhóis"[3] de um filósofo espanhol, Salvador de Madariaga. Gostei muito das diferenças culturais entre os ingleses, espanhóis e franceses e também da literatura deles. Uma parte da minha formação universitária foi em literatura, nas literaturas americana, inglesa, francesa e es-

2. Obra magistral de Eduardo Barrios, indicada para o prêmio nacional de literatura no Chile, em 1946.
3. Livro de Salvador de Madariaga y Rojo, que foi diplomata, escritor, historiador e pacifista espanhol.

panhola. Fiz cursos de romance e poesia dessas quatro culturas, sempre comparando o comportamento e os valores das pessoas. Um curso, com duração de um ano foi completamente conduzido em francês, por um professor francês. É certo que esses estudos me ajudaram a abordar a língua canela.

Até então eu não sabia nada sobre a antropologia. Eu não imaginava que antropologia trabalhava com algo semelhante ao que eu vinha fazendo, com a diferença de ser através de uma formação profissional. Eu continuava buscando a formação em medicina fazendo cursos na pré-medicina, tentando entrar em uma escola de medicina. Ao fim das contas, uma universidade acabou me aceitando (Rochester, NY). Antes de ir para Rochester, fui a Universidade de Stanford para fazer mais cursos de pré-medicina. Então, estava me sentindo muito mal e com dúvidas sobre a medicina como profissão. Por isto procurei um conselheiro que me disse: só retorne aqui depois de ver alguns cursos na antropologia. Consultei então o catálogo de cursos da Universidade de Stanford, focalizando o departamento de antropologia. Eu estava cansado de vir fazendo cursos só para ganhar mais créditos nos cursos de pré-medicina. Assim, quando li as descrições dos cursos da antropologia/etnologia, foi um momento emocionante para mim. Eu não sabia, simplesmente não sabia, que havia cursos sobre os povos do mundo como os da Sibéria, os de Burma,[4] e cursos sobre cultura dinâmica ou coisas assim como encontrei naquele catálogo.

No dia seguinte fui ao departamento de antropologia e conversei com um professor visitante, Marvin Opler, com quem me entendi muito bem e que me recomendou que procurasse o chefe do departamento, Felix Keesing, para colocar-lhe ciente dos meus interesses. Fiz isto e o chefe informou-me que eu poderia me inscrever para o grau de mestrado se eu tivesse bom desempenho nos cursos de um semestre. Assim ocorreu e assim descobri a antropologia.

Depois de dois anos obtive o grau de mestrado em antropologia, em 1953. Nesses cursos, lemos muito Alfred Kroeber, Margaret Mead, Franz Boas, Robert Lowie, Ralph Linton, Sol Tax, Homer Barnett e muitos outros. Não tínhamos aquela formação européia, como ocorre na maior parte do Brasil. O segundo marido de Margaret Mead, Gregory Bateson, esteve lá na Veterans' Administration em Palo Alto, perto de Stanford, de quem gostei muito e com quem aprendi muito. Estudamos o livro dele, *Naven*. Além de Bateson, o professor mais importante que tive lá foi George D. Spindler[5]. Naquele tempo tive só cinco professores lá. A antropologia era ainda muito recente. Não consigo lembrar agora os nomes dos todos. Mas o Spindler me impressionou muito e mantenho com ele, até hoje, relações de amizade. Devo visitá-lo tão logo retorne aos Estados Unidos. Ele

4. Antiga Birmânia ou Burma, é um país asiático.

5. George D. Splinder foi diretor do departamento de antropologia da Universidade de Stanford por duas gestões e aposentou-se em 1978. Após a aposentadoria, continuou dando aulas e orientando. Suas áreas de interesse incluem antropologia, psicologia e antropologia da educação, com foco na adaptação pessoal nos conflitos e mudanças culturais. George Spindler esteve sempre dentro de dois departamentos de Stanford, o Department of Education primeiramente e o Department of Anthropology secundariamente. Ganhou prêmios importantes no campo de antropologia educacional.]

ainda está vivo, com cerca de 88 anos. Fiz um curso com ele de antropologia dinâmica e estivemos muito próximos. Ele levou-me a uma reunião de antropólogos na Universidade de Óregon, onde encontrei o terceiro esposo de Margaret Mead, Cressman. Reo Fortune foi o primeiro.
Assim, entrei com força na antropologia e nunca mais fiz outra coisa como interesse primário.

Elizabeth Coelho – Sobre o que foi sua dissertação de mestrado?

Crocker – Para a dissertação de mestrado, procurei na literatura da época 20 pessoas sobre quem havia bibliografias, auto-bibliografias ou amplos contos históricos já publicados. Por exemplo, localizei uma bibliografia sobre a vida de uma esquimó, Anauta. [Heluiz Chandler Washburne. *Land of the Good Shadows*, *the Life Story of Anauta*, an Eskimo Woman. New York: John Day Co., 1940.] Localizei sobre os Hopi uma auto-biografia. [Leo W. Simmons (ed.). *Sun Chief, The Autobiography of a Hopi Indian*. New Haven: Yale University Press, 1942.] Como conto histórico, escolhi o inovador famoso, Sequoyah. [Grant Foreman. *Sequoyah*. Norman: University of Oklahoma Press, 1938.] Assim acumulei 20 casos. Alguns haviam sido escritos por historiadores e tinham o caráter de biografias de pessoas indígenas.
Eu pretendia observar os comportamentos na infância para verificar como se desdobravam, se os comportamentos posteriores indicavam inovação, conservação ou desvio. Encontrei um grande inovador entre os Cherokees, que perdeu os pais cedo, fator que contribuiu para que se tornasse um inovador. Os casos que encontrei de inovadores correspondiam a pessoas que haviam perdido cedo um dos pais ou dois e precisavam enfrentar a vida sozinhos. Nos casos de conservadores, não haviam perdido os pais cedo. Sobre as pessoas que desviaram, mas não fizeram inovações, encontrei outros critérios para diferenciá-las dos conservadores.
Esse trabalho nunca foi publicado. Não valia a pena, pois a amostra era pequena. Vinte casos não provam nada. Foi um estudo metodológico que articulava duas abordagens, a ideografia e o quantitativismo. Para cada um dos vinte casos, procurei comparar os resultados alcançados pelo método qualitativo (ideografia) e pelo método quantitativo.

Elizabeth Coelho – Quando foi feito o PHD?

Crocker – Quando terminei os cursos do mestrado em Stanford queria mudar para qualquer outro lugar, apesar de ter sido aceito para continuar no programa de doutorado em Stanford. Eu tinha que me afastar de minha família de nascimento, a que morava perto de Stanford. Busquei alternativas no leste do país. Fui aceito na Cornell University (Ithaca, NY) e na University of Pennsylvannia (Philadelphia), mas decidi ficar como assistente de professor em Wisconsin (Madison). Permaneci por três semestres neste papel e gostei muito de ensinar. Gostei dos estudantes e de formar seus pensamentos com a boa mensagem da antropologia.
Em Wisconsin tinha o professor Milton Barnett, que foi meu orientador de doutorado e me formou mais do que qualquer outro, alem de Spindler. Barnett, assim como Spindler, tinha formação em psicologia e fui muito influenciado por isso. A antropologia foi minha área principal e a psico-

logia a segunda área. Fiz todos os cursos no departamento de psicologia que foram necessários para obter o grau de mestrado, embora não tenha feito mestrado em psicologia somente porque não escrevi uma dissertação em psicologia. Fiz também vários cursos de sociologia, reunindo as três áreas na minha formação. Os dois departamentos aos quais estive ligado, em Stanford e em Wisconsin, eram departamentos de Sociologia e Antropologia, quando iniciei meus estudos entre eles. Durante meu tempo lá, transformaram-se em departamentos de antropologia, somente.

Assim, quase não tenho nada de formação européia, como ocorre no Brasil. Então, no Brasil me sinto muito diferente com a falta de formação na antropologia estrutural. Minha formação está nas ciências sociais, ampla e profundamente, com cursos na psicologia clinica e experimental e com cursos na sociologia histórica alemã e de *research survey*, abordagens qualitativas e quantitativas.

Depois de fazer os cursos preliminares em psicologia, sociologia e antropologia, candidatei-me ao doutorado somente em antropologia. Havia então que escolher a região na qual eu iria pesquisar e o assunto que eu iria pesquisar. Escolhi estudar a mudança cultural por meio da re-visitação de obras/pesquisas já realizadas por outros antropólogos. Inspirei-me em Oscar Lewis[6] que fez esse trabalho no México (1959 e 1961) e em Robert Redfield[7] que fez pesquisas deste tipo em Yucatan (1941 e mais tarde). Este interesse de pesquisa já havia se colocado para mim logo depois de ser aceito como candidato ao mestrado em Stanford, em 1951. Não foi algo iniciado só em 1956 na pesquisa do doutorado.

Nessa época, 1951 no verão, fui visitar umas primas na Cidade do México e conheci, através delas, um antropólogo mexicano, Alfonso Villa Rojas, que tinha revisitado lugares estudados por Robert Redfield, como o povoado de Chan Kom. Através deste antropólogo mexicano obtive carta de apresentação para o líder de Chan Kom[8] o Dom Eustaquio. Fiquei duas semanas coletando dados em Chan Kom, sozinho, fazendo assim meu primeiro trabalho de campo. Procurei observar a mudança cultural, tomando como referência dos tempos passados o livro publicado anteriormente por Redfield, *The Folk Culture of Yucatan*, 1941).

Em 1956, eu queria fazer uma coisa semelhante para o doutoramento. Eu queria fazer o re-estudo de alguma grande obra. Exclui os paises dos Andes por terem muito forte a presença da religião católica. Queria uma sociedade com uma religião pelo menos meio indígena. Restavam então os estudos feitos na Amazônia, nas Guianas, no Orinoco, no Paraguay e no Chile. Analisei vários livros e o melhor que achei para estudar a mudança cultural foi o de Curt Nimuendaju, *The Eastern Timbira* (1946), que é basicamente sobre os Canelas.

Havia outro livro interessante sobre as Guianas, escrito por John Gillin: *The Ba-*

6. Oscar Lewis, *Five Families: Case Studies in the Culture of Poverty* (1959), e mais tarde, como re-estudo parcial, *The Children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family* (1961).

7. Robert Redfield, *The Folk Culture of Yucatan*, 1941, and Robert Redfield and Alfonso Villa Rojas, *A Village that Chose Progress: Chan Kom Revisited* (paperback 1962).

8. *Chan Kom* (1934), o primeiro dos três livros de Robert Redfield, os que foram dedicados especificamente ao Yucatan.

rama River Caribs of British Guiana, Harvard University, 1936. Fui à Smithsonian encontrar com Betty Meggers[9] e seu marido Clifford Evans para obter informações sobre a região, pois eles haviam pesquisado lá e fizeram um estudo sobre os índios Waiwai. Informaram-me que não seria bom fazer o estudo de mudança contínua nas Guianas porque as aldeias eram descontínuas[10]. Com os Canelas vi que tinha continuidade, que eu poderia encontrar as mesmas pessoas, famílias e instituições para observar a continuidade ou a mudança entre elas.

Em Wisconsin Milton Barnett, etnólogo e produto da Cornell University, não podia me ajudar a ir ao campo porque na América do Sul havia pesquisado só na Venezuela. Não conheceu o Brasil nem antropólogos brasileiros. Mas no departamento em Wisconsin havia um arqueólogo David Baerreis que conhecia Charles Wagley, o famoso Wagley[11]. Ele me enviou a Wagley em Nova York, com quem me encontrei várias vezes. Mais tarde, ele me forneceu cartas de apresentação para Darcy Ribeiro, Dona Heloísa Alberto Torres e Eduardo Galvão.

CHEGANDO AOS CANELAS

Cheguei ao Brasil primeiro por Belém e entreguei a carta a Eduardo Galvão, que ficou sendo minha contraparte brasileira. Em seguida fui ao Rio de Janeiro para obter a licença para pesquisar. Naquele tempo não havia o CNPq, era outro órgão. Precisei também obter licença junto ao SPI[12]. Darcy Ribeiro conseguiu minha primeira autorização de pesquisa junto ao SPI e também a outra licença junto ao órgão de ciência e artes. Não lembro bem o nome. Foram necessários quatro meses para obter estas licenças. Nesse período passei o tempo entre estudantes antropólogos brasileiros do Centro de Pesquisas Educacionais na Rua Voluntários da Pátria em Botafogo, Rio de Janeiro. Também estudei português com a ajuda do espanhol que já sabia e com intercâmbios com certos estudantes amistosos. Conheci Baldus, Schaden e Roberto Cardoso. Sempre estive na "panelinha" de Wagley, Darcy Ribeiro, Heloísa Torres e Malcher, não naquela de Cardoso e Mayberry-Lewis.

Retornei a Belém, ao Museu Goeldi, e depois fui a São Luís. Era o ano de 1957 e Xerez (Sebastião Moacyr de Xerez) estava à frente do SPI em São Luís. Havia sido amigo de Curt Nimuendaju e por isso tinha muita empatia por mim e por meu projeto, o re-estudo da obra mestre de Nimuendaju. Ele escreveu uma carta, a meu pedido, para Olímpio Cruz, funcionário do SPI em Barra do Corda, que me recebeu bem quando lá cheguei.

Eu tinha 33 anos. Era muito novo para fazer essas coisas. Olímpio Cruz me ajudou

9. Betty Jane Meggers arqueóloga dos Estados Unidos da América, especializada em cultura pré-colombiana.

10. Os Waiwai encontram-se em três estados do Brasil, Roraime, Amapá e Pará e na Guiana.

11. Charles Wagley nasceu no Texas, em 1913. Doutorou-se pela Columbia University em 1941 onde atuou como Professor de Antropologia e dirigiu o Institute of Latin American Studies at Columbia University e mais tarde at University of Florida, Gainesville. Realizou pesquisa com o povo Tentehar, no Maranhão-Brasil.

12. Serviço de Proteção ao Índio, órgão indigenista do Governo Brasileiro.

muito. Pedro Gregório[13], o cacique dos Canelas naquela ocasião, chegou a Barra do Corda e logo comecei a estudar a língua Canela com ele. Depois de duas semanas fui convidado a ir para a aldeia e fiquei, inicialmente, hospedado no Posto do SPI por quatro dias. Minha formação havia sido no sentido de chegando à aldeia não escolher logo uma família[14] ou ficar ligado a qualquer grupo político. A estratégia seria esperar e mais tarde tomar essa decisão depois de conhecer melhor a situação. Participei logo das reuniões do pátio da aldeia e, no quarto dia, aproximadamente, o Canela Paulo Adriano levantou-se do seu lugar no conselho e disse: minha mulher quer adotar você. Todos os velhos estavam me observando e por isso eu tinha que dizer que sim. Aconteceu assim, e sai do Posto e fiquei arranchado na casa do Paulo Adriano e de sua mulher a Dominga. Sempre morei na casa deles até agora quando volto a aldeia. Inicialmente eu não tinha um quarto, só um canto da casa. Mais tarde me colocaram em um quarto e esse foi o meu começo, lá em 57.

FIGURA 1: WILLIAM CROCKER, NA ALDEIA ESCALVADO, TENDO OS CABELOS CORTADOS NO ESTILO TIMBIRA

Fonte: acervo pessoal de William Crocker

13. Índio Canela.

14. A chegada de um estranho na aldeia Canela implica em posterior adoção, precedida de batismo, por uma família. Esta é uma condição de permanecer na aldeia e submeter-se às regras locais. Nota adicional: Os Timbira têm o costume antigo de adotar pessoas de outras tribos Timbira. Segundo isso, foi possível adotar Nimuendaju e também Crocker mais tarde.

Elizabeth Coelho – Como se configurou a idéia de sempre retornar aos Canelas, mesmo após a obtenção do doutorado?

Crocker – Dos quatro anos como candidato ao doutorado, passei 24 meses nas aldeias Canelas e ainda mais em Barra do Corda e no Brasil. Depois voltei aos EUA e escrevi a tese de doutoramento em Wisconsin em um ano e um quarto sobre um assunto metodológico, que nunca deu para publicar. Era muito refinado. Selecionei um ato de um festival canela, o *Pepjê*, como exemplar, e busquei construir um sistema (ou um processo) que permitisse abstrair generalizações ou regularidades deste ato. Este processo pode ser aplicado a atos de festivais em qualquer parte do mundo, como em Sumatra ou como entre os índios do nordeste do Brasil. O ato selecionado para fazer esse exercício foi o momento em que os *Pepjês*, os iniciandos, estão à meia-noite esperando o seu comandante chegar com o bastão grande para bater no chão, com muita força, indagando: tem *Pepjê* lá? Se tem, vão ser batidos. Então todos os *Pepjês* saem correndo com medo e respeito. Não antecipar ou não saber algo sobre esse comportamento de seu comandante, ou de qualquer líder, é um princípio que os novos precisam aprender bem para sua formação. Não foi publicada essa tese. Apenas ficou guardada na Universidade de Michgan, arquivada em forma de micro-ficha. Creio que não deva existir mais. A tese abordava uma questão metodológica, a relação sujeito/objeto da pesquisa, a tensão entre objetividade e subjetividade, a busca científica de um meio de eliminar o máximo possível a subjetividade nessa relação. A tentativa de eliminação foi aplicada da forma possível nos julgamentos usados no processo de abstrair generalizações ou regularidades dos festivais. Além disto, o esforço para construir um processo de aplicação universal para identificação e generalização de festivais foi muito bom como formação para mim. Em Wisconsin, não foi permitido escrever uma monografia de uma tribo como foi permitido em Harvard, por exemplo.

Elizabeth Coelho – Ao concluir o doutorado já estava trabalhando?

Crocker – Sim, isso foi em janeiro de 1962. Eu já tinha recebido a proposta da Smithsonian, condicionada a conclusão do PHD, pois lá havia uma vaga. Não era minha intenção trabalhar em qualquer museu. Eu queria ser professor de uma universidade. Na instituição Smithsonian fiquei como curador científico, o que significa pesquisador, e isso me oferecia a possibilidade de voltar sempre aos Canelas para continuar a pesquisa. Essa possibilidade era dada a todos os curadores, independentemente do seu local de pesquisa. Essa era a política do departamento de antropologia. O curador, obtendo o recurso, poderia ir ao campo.
As obrigações como curador não eram muitas. Como professor teria sido mais difícil ir tantas vezes ao campo. Obtive recursos da Wenner-Gren Foundation, da National Science Foundation e da National Geographic Society além de recursos da Smithsonian que abriam seus editais para fornecimento de recursos para pesquisa. Assim foi possível voltar tantas vezes ao campo. Foi assim que em vez de ser professor me tornei pesquisador de campo.

Elizabeth Coelho – No inicio o retorno ao campo era anual?

Crocker – Durante o doutorado foram duas viagens. Depois retornei em 1963. Eu esta-

va no Brasil, participando de uma reunião da ABA[15] em São Paulo e havia programado para ir à tribo, mas não tinha autorização do SPI. Encontrei com Herbert Baldus na reunião que me disse: estão metralhando seu povo, os Canelas[16]. Ele havia visto a notícia no jornal em São Paulo, naquele dia. Então eu tinha que ir lá.

Então, a D. Heloísa Torres, que era presidente do Conselho do SPI, concedeu a autorização. Aliás, ela enviou-me à aldeia porque ela queria saber o que estava acontecendo. Quando cheguei a São Luís, Olímpio Cruz estava no comando. Encontrei os fios telefônicos do escritório dele cortados. Não tinha comunicação, estava isolado. O presidente do SPI estava ao lado dos fazendeiros, ele me disse, então. Em Barra do Corda, Pedro Lemos, velho conhecido, era o chefe do SPI e me deixou entrar na aldeia dos Canelas. Cheguei no terceiro dia em que os Canelas estavam em seu novo lugar novo, na aldeia Sardinha dos Guajajaras, deslocados da chapada para a mata seca. Eles já haviam demarcado uma aldeia muito perto do Posto Indígena dos índios Guajajara. Ali, as casas. de um dos lados da aldeia nova ficaram tão perto do posto que não tinha como fazer quintais. Essa era a condição em que eles se encontravam. Eles estavam com muito medo por causa dos ataques contra sua aldeia no sertão, pelos fazendeiros, nos dias 7 e 10 de julho.

Logo fiquei sabendo que eles estavam vivendo um movimento messiânico que havia motivado-os a matar várias cabeças de gado dos fazendeiros, que atacaram os Canelas para evitar que continuassem matando o gado. Foi muito emocionante saber que havia ocorrido um movimento messiânico lá, mas muito triste saber sobre as mortes de pessoas conhecidas. Eu já tinha experiência com messianismo. Eu tinha lido alguns livros sobre movimentos messiânicos e assim tinha a vantagem de isso não ser algo novo para mim.

Naquela ocasião eu só podia ficar duas semanas na aldeia. Voltei aos Estados Unidos e pedi apoio à National Science Foundation e obtive recursos para a pesquisa, que naquele momento se dirigia para compreender o processo de adaptação de uma tribo da chapada que agora estava vivendo na mata. Essa pesquisa foi publicada em inglês no Brasil como artigo[17], mas não teve boa divulgação.

Fiquei quatro meses com os Canelas em 1964 e estudei muito mais do que a adaptação de um povo da chapada à mata fechada. Estudei a língua durante um mês, somente a língua. Em 1966 fiquei seis semanas entre os Canelas (entre os Apanjêkra[18], também) e assim fui estabelecendo esse padrão de voltar, voltar...

A Smithsonian estimulou esse padrão de voltar. Tenho gostado de estudar, expandir os estudos e estudar profundamente todas as coisas da cultura tribal. Pensei que

15. Associação Brasileira de Antropologia.

16. Referia-se ao massacre que foi realizado por fazendeiros contra a aldeia Canela e cinco índios foram mortos e os demais foram transferidos para outro lugar, a aldeia Sardinha, região de mata.

17. The Non Adaptation of a Savanna Indian Tribe (Canela, Brazil) to Forced Forest Relocation: An Analysis of Ecological Factors. *In* Anais (Io Seminário de Estudos Brasileiros, 1971, Universidade de São Paulo) 1:213 381. São Paulo. 1972.

18. Povo falante de língua Timbira que habita terra próxima aos Canelas. São também denominados Canelas pelos não-índios.

era meu dever estudar quase todas as coisas culturais como as danças, os jogos atléticos, a pintura corporal, os sonhos, os mitos, a historia, a agricultura, os artefatos materiais e especialmente as cantigas, a música deles. Mas não podia publicar nessa área de musica porque não sou etnomusicólogo. Mas coletei muitas músicas deles e dei ao Anthony Seeger o direito de utilizá-las porque ele é etnomusicólogo. Também, deixei uma grande coleção das cantigas de 1979 na Library of Congress dos EUA. Fui formado com a visão de que talvez não haja tempo para que outro antropólogo chegue a aldeia salvar certos dados culturais. Por isso, deveria coletá-los. É por isso que eu tenho muitos dados que não posso usar, nem publicar, porque não sou especialista em todos esses assuntos. Mas esses dados estão disponíveis para que outras pessoas possam utilizá-los quando estiverem preparados para ser entregues.

Retornei com regularidade a aldeia até o ano de 1979. Naquele ano tive problemas com a FUNAI e precisei sair da aldeia. Só pude retornar em 1991. Nesse período, os anos 80, passei por um longo processo de divórcio e escrevi um grande livro que foi publicado em 1990[19].

Com a produção desse livro passei a dispor de bastante crédito acadêmico para voltar. Então consegui o apoio de Berta Ribeiro e de Manuela Carneiro da Cunha, que conseguiram a autorização para que eu voltasse a fazer pesquisa. Bertha Ribeiro ficou como minha contraparte brasileira. Em 1991 retornei com minha nova esposa que não se deu bem com o clima da região do interior e por isso nunca voltou à tribo.

Em 1993 permaneci quatro meses entre os Canelas e fiz um recenseamento sociológico detalhado e um estudo dos artefatos materiais. Também peguei uma descrição do festival dos *pepkahàk* e fiz uma analise dos papeis dos vários partidos nesse festival. Também coletei as lembranças dos velhos ajudantes canelas sobre a década de 80, sobre o que tinha acontecido durante minha ausência. Voltei, por períodos breves, nos anos 1994 e 1995 para ajudar no desenvolvimento de uma roça comunitária bem grande. Em 1997 ajudei um profissional a coletar o material para fazer um filme[20].

Voltei mais uma vez em 1999, quando estudei as mudanças dos costumes sexuais da década 1930 até a década 1990. A cada viagem sempre abordava aspectos diferentes. Em 2001 fiz novo recenseamento sociológico muito complexo durante dois meses e estudei só o xamanismo por duas semanas. Em 2003 fui colher dados para meu artigo sobre a vingança canela[21] e a adaptação dos estudantes canelas à vida em Barra do Corda. Em 2005, estudei estruturalismo êmico e mudanças no casamento ao longo de quatro décadas, cujos

19. The Canela (Eastern Timbira), I: An Ethnographic Introduction. Smithsonian Contributions to Anthropology 33. Washington, DC: Smithsonian Institution Press. 1990. 487 p.

20. Steven Schecter and William H. Crocker. Mending Ways: The Canela Indians of Brazil. Video/DVD, color, 49 minutes. Schecter Films and National Human Studies Film Archives, Smithsonian Institution. Princeton, NJ: Films for the Humanities and Sciences. 1999. (www.films.com, search "Canela." Last accessed November 4, 2008.)

21. Canela Vengeance: Formerly compulsory, currently dissipated. *In*: Revenge in the Cultures of Lowland South America. Gainesville, FL: University Press of Florida. In Press.

resultados foram publicados em artigos[22]. Em 2007, pesquisei uma metade do sistema festival e, em 2009, espero pesquisar a outra metade, para conseguir bastante material para escrever uma monografia sobre esse assunto.

Elizabeth Coelho - Quando surgiu a idéia de formar os diaristas?

Crocker - Foi em 1964. Em 1960 eu havia feito um pouco isso com Marcelino, Francisco Romão e Raimundo Roberto. Em 1963 o Marcelino estava por conta própria fazendo diários para me vender. No entanto, o que ele produziu foi queimado no Massacre aos Canelas de 1963[23]. Ele estava escrevendo sobre o movimento messiânico e estava numa aldeia, a Aldeia Velha, quando veio o ataque. Queimaram as casas de roça e queimaram o manuscrito dele. Essa experiência mostrou a possibilidade deles escreverem sobre atualidades e a vida pessoal deles. Em 1966 coloquei os três para escrever manuscritos mensalmente e, em 1970, deixei um gravador com Raimundo Roberto e ensinei-o a fazer as gravações mensais.

FIGURA 2: CROCKER, EM 2000, NO CAMPO COM SEUS ASSISTENTES DE PESQUISA

Fonte: acervo pessoal de William Crocker

22. [Changes in Canela Marriage over 30 years: From Authorizing to Stealing. Um capítulo dentro de um livro aceito para ser publicado pela University Press of Florida.
23. Massacre realizado por fazendeiros contra os Canela em represália pelo roubo de gado.

Elizabeth Coelho – Eles gravavam e lhe enviavam o material ou aguardavam seu retorno para entregar-lhe?

Crocker – Inicialmente era para escrever e guardar para mim. Em 1966 o Jaldo Pereira Santos, de Barra do Corda, passou a recolher os manuscritos. Os Canelas levavam os manuscritos até a Farmácia do Jaldo, nessa cidade, e lá um assistente comprava os manuscritos utilizando recursos meus. Eles sempre se consideram meus empregados, mas nunca o foram. Eu sempre comprava os resultados, seus produtos. Em 1966 trabalhei muito com Raimundo Roberto para aperfeiçoar sua escrita, fazendo o mesmo com Marcelino e com Francisco Romão, mais tarde. Os dois últimos só escreviam na língua canela. Ensinei Raimundo Roberto a traduzir. Então, ele escrevia na língua primeiro e depois fazia a tradução para o português. No ano de 1970 foram incluidos Francisquinho e Aristides, e em 1975 mais outros. Em 1979 já somavam uma dúzia de escritores. Dois deles gravavam fitas sendo que um deles era uma mulher, a Juliana. No ano de 1970 Raimundo Roberto começou a gravar fitas, além dos manuscritos e Aristides começou no ano 1975.

Elizabeth Coelho – Durante os 11 anos em que o senhor não veio ao campo o trabalho dos escritores continuou?

Crocker – Não. Não é possível explicar completamente porque eu tive que sair em 1979, mas não foi possível continuar com os diários. Em 1984, Jack Popjes, o Wycliffe missionário–lingüista, entregou fitas ao Raimundo Roberto e assim Popjes enviou algumas 20 fitas para mim durante esse tempo. Assim, de vez em quando eu recebia novidades através dessas fitas.
Em 1993 passei seis semanas reconstruindo a história do povo referente aos anos da década 80 em que não estive lá. De 1993 até hoje sempre tenho recebido manuscritos ou fitas. Em 1997 converti-os de fazedores de manuscritos a produtores de discurso falado, quase só em português. Um deles, Severo, fala por uma hora na língua e depois faz uma tradução para o português no outro lado da fita. Francisquinho faz uma coisa interessante. Escreve uma frase de duas a três linhas na língua e depois escreve a tradução em Português nas linhas seguintes, em um português bem ruim. Muitas vezes o sentido em Canela era de mais fácil compreensão para mim do que o português dele. Deixava, ainda, quatro linhas em branco para que depois eu escrevesse a tradução em inglês. Depois de reunir esse tipo de material por, cerca de vinte ou trinta dias, ele colocava tudo numa fita micro-cassete. Assim se uma pessoa quer aprender a língua Canela, como Antônio[24], seria perfeito ele estudar por meio dos resultados de Francisquinho, porque as frases estão na língua Canela e em Português, escritas e faladas. Os outros ajudantes só falam em português.

Elizabeth Coelho – Desde o início, os ajudantes recebiam pagamento pelo seu trabalho?

Crocker – Sim, sempre receberam pagamento. Sempre tomei como referência o que seria pago ao trabalhador na roça e pagava em dobro, pois considerava que es-

24. Antonio Santana, pesquisador do Grupo Estado Multicultural e Políticas Públicas da UFMA.

se serviço tinha mais valor. Era muito serviço. Escreviam 20 a 90 páginas em cerca de 30 dias, dependendo da época e se fosse tradução ou não. Acho que foi um pagamento merecido. Os que só falavam gravavam duas horas, no mínimo, por mês. Agora foi reduzido para uma hora somente. Era muito material e eu não estava conseguindo ouvir tudo. Então, no ano passado, reduzi a quantia para uma hora por mês.

Elizabeth Coelho – Eles recebem uma quantia fixa por mês ou em função do material que produzem?

Crocker – Uma quantia fixa por mês, por duas horas, geralmente, mas agora é por uma hora. Agora recebem R$100,00 a R$ 150,00, dependendo de uma série de fatores. Franciquinho recebe mais, como deve ser.

Elizabeth Coelho – Eles tem um tema, um assunto sobre o qual devem tratar?

Crocker – De vez em quando eu enviava perguntas, antes por carta e agora por fax ou e-mail. O mais importante acontecimento foi quando Fabrício Canela, não lembro seu nome na língua, matou o Luiz Velho do povoado de Buriti da região, há dois anos. Então eu queria saber bem o que havia ocorrido, os detalhes do acontecido, e mandei algumas perguntas para todos os diaristas. Assim obtive muitos dados sobre isso. Porque aquele Canela de dezesseis anos fez isso? Enviei as perguntas que eu gostaria que eles respondessem. Meus diaristas responderam muito bem. Há um artigo meu, publicado em inglês sobre esse tema[25].

Mas na maior parte, nas décadas de setenta e noventa, os diaristas escreveram e falaram somente sobre os acontecimentos na sua vida e na tribo. Alguns deles exploram um aspecto, outros exploram outro. Na primeira parte da década de noventa passei muito tempo com eles, aperfeiçoando a maneira de escrever, mas agora estou ficando muito pouco tempo entre eles, um mês a cada dois anos. Por isso, estou um pouco mais afastado, infelizmente. Agora estão entrando diaristas que podem não escrever bem na língua porque agora devem falar. Aquele que se tornou o novo "major"[26] da aldeia, o Guilherme, pediu para ser diarista e concordei, mas ele não sabe escrever. Mas esse major, uma das principais autoridades da tribo, está muito acima das coisas. Também o cacique Cornélio entrou, mas ele sabe que quando ele deixar de ser cacique, outro vai ficar no lugar dele e vai usar o gravador que ele usa. Assim os diaristas servem para que eu receba novidades da tribo e da vida pessoal deles.

Também, os diaristas servem para fornecer dados para minhas publicações quando eu estou em casa e necessito de informes precisos e atuais. Fizeram isso para minhas publicações sobre a paternidade múltipla, a vingança, a perda do sistema sexual extramarital, os fazedores de diários e o papel de tirar as sobrancelhas, ou não, na adaptação às duas culturas[27].

25. The Canela Diaries: Their Nature, Uses, and Future. *In:* Tipiti 2007(5,1):33–57. (Special Section: Life History, ed. Susan Oakdale.

26. Cargo do Conselho da Aldeia

27. The Canela Diaries: Their Nature, Uses, and Future. *In*: Tipiti 2007(5,1):33–57. (Special Section: Life History, ed. Susan Oakdale.) Canela "Other Fathers": Partible Paternity and its Changing Practices. *In:*

Elizabeth Coelho – Como tem sido a recepção dos Canelas?

Crocker – Sempre foi uma boa recepção. Curt Nimuendajú deixou uma boa lembrança e quando cheguei, eles queriam que eu fizesse as mesmas coisas, que eu ficasse no lugar dele. Isso não era possível. Queriam me classificar como sobrinho dele. Assim minha recepção foi fácil. Também Olímpio Cruz me apresentou ao Cacique Pedro Gregório e aos outros, e como Olympio Cruz era benquisto, não tive problemas. Só tive problemas para saber sobre certos acontecimentos, em certas situações, como o roubo do gado, porque não sabiam se eu ficaria do lado deles. Não haviam me contado nada verdadeiro sobre o roubo de gado. Era segredo deles. Mas um dia eu estava comendo na casa de Dominga, minha "irmã", e ela ofereceu gado. Soube, então, que não haviam matado gado comprado, e por isso aquela carne devia ser de gado roubado. Fiz brincadeiras do tipo: Gado? Deve ter sido comprado! Quem comprou? Que pessoa generosa! Disseram que não havia sido roubado, mas eu sabia que não havia sido morto nenhum boi legalmente. Então, para comer, coloquei um sobrinho para vigiar se chegava algum funcionário, como o chefe do posto, por exemplo, para que eu não fosse visto comendo gado roubado. E de fato chegou o chefe do posto. Fui avisado pelo sobrinho e coloquei a carne dentro do quarto. Por isso, os índios souberam que eu não contaria ao chefe do posto sobre o roubo do gado. Eu estava no seu lado. Depois disso, passei a saber, sempre, quando eles matavam gado roubado. Fiquei sabendo também que a decisão de matar o gado havia sido tomada no pátio, e não eram iniciativas de alguns jovens feitas atoa, sem ordem, como eles disseram a mim anteriormente.

Adicionalmente, esconderam outra coisa de mim, relacionada à vida sexual fora do casamento, uma tradição antiga deles. Nimuendajú não havia captado bem isso porque casou com uma Canela e exigiu que lhe fosse fiel. Não deixou que ela fosse com a turma das mulheres nos dias de cerimônia para fazer o sexo fora de casamento. Os homens ficavam com uma turma e as esposas deles ficavam com outra turma para fazer sexo fora de casamento sem o esposo saber quem tinha ficado com sua esposa. Assim, porque Nimuendajú manteve sua esposa com ele não pode obter dados sobre esse assunto porque eles achavam que ele estava zangado e com ciúmes dela e, por isso era contra o sexo fora de casamento, como os outros brasileiros da área.

Não tive esposa Canela; eu não queria isso. Minha formação acadêmica pregava contra isso, também era contra a lei brasileira. Aos poucos obtive dados que ele não pode obter. Para quebrar o gelo, eu fiz um jogo.

Cultures of Multiple Fathers: The Theory and Practice of Partible Paternity in Lowland South America, pp. 86–104. Stephen Beckerman and Paul Valentine, eds. Gainesville, FL: University Press of Florida. 2002. Sobre a perda do sistema sexual extra-marital e palavras dos diaristas, vide pp. 126–129 em: Crocker, William H. and Jean Crocker The Canela: Kinship, Ritual, and Sex in an Amazonian Tribe. 2nd edition. Case Studies in Cultural Anthropology. George Spindler, series editor. Belmont, CA: Thomson/Wadsworth. 2004. Crocker, William H. and Jean G. Crocker. Change in the Lives of a Brazilian Indigenous People: To Pluck Eyelashes (or Not?) among the Canela. *In:* Globalization and Change in Fifteen Cultures: Born in One World, Living in Another, pp 24–77. (Case Studies in Cultural Anthropology. George Spindler and Janice E. Stockard, series editors.) Belmont, CA: Thomson/Wadsworth. 2007.

Eu tinha livros de medicina com fotos do corpo, dos genitais, e através dessas fotos fui aprendendo todas as palavras que eles usavam para designar as partes do corpo. Eu repetia as palavras varias vezes para eles saberem que eu não tinha medo de falar nem de saber sobre o corpo. Assim eles perceberam que eu não tinha medo nem vergonha sobre o sexo. Então eles me passaram a contar coisas que não contavam a Nimuendajú porque ele tinha demonstrado ter vergonha desses assuntos. São seis as ocasiões nas quais eles têm atividade sexual fora do casamento. Isso está publicado em um livro meu, aquele de 1990, páginas 280–284 ou *on-line*: [IV.A.3.f].
Assim, eu nunca tinha problemas com os Canelas, mas as vezes tinha problemas com os encarregados do Posto e com outros antropólogos, mas nunca com a tribo.

Elizabeth Coelho - Qual o significado dos Canela e dessa experiência de cinqüenta anos para sua vida?

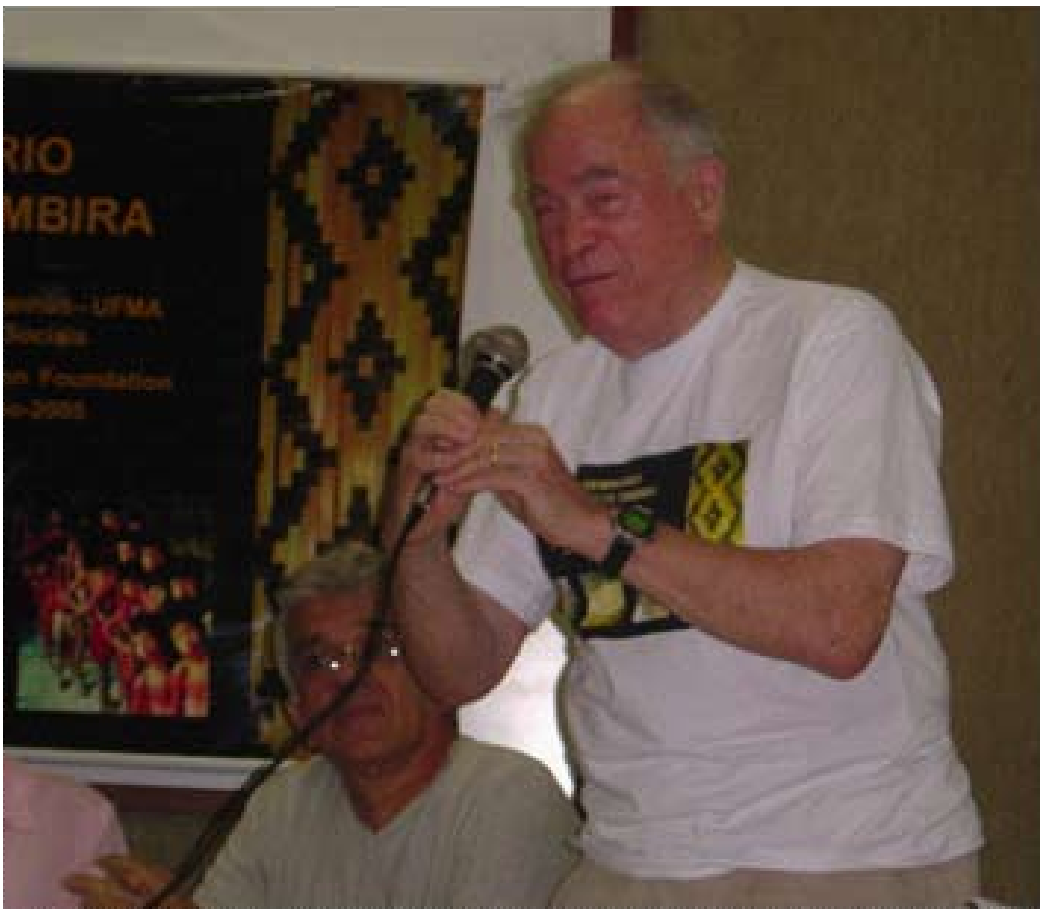
Crocker - Fui casado três vezes. Com a atual mulher tenho uma relação muito boa, mas até ela tem ciúmes porque pensa que sou mais casado com os Canelas do que com ela. Não é verdade. Mas os Canelas são sempre uma coisa principal na minha vida e ela sabe disso. Sempre que preciso vir para campo é um sacrifício para ela me deixar chegar aqui. Acho que, como se afirma no mundo dos religiosos, eu fui *chamado*. Eu senti na minha vida ser chamado por uma coisa, a antropologia, quando ensinei as boas novas da antropologia aos jovens estudantes, e mais tarde descobri isso nos Canelas: colocar os Canelas no mapa da Antropologia e também ajudar aos Canelas quando for possível. Senti que fui chamado a fazer isso. Assim é uma coisa forte na minha vida. Em casa, quando estou um pouco triste, fico trabalhando nos dados Canelas e logo disperso qualquer tristeza. Estou sempre voltado para os dados Canelas ou aperfeiçoando um artigo. Posso dizer, eu não sei dizer isso corretamente, mas os Canelas são um grande sustento na minha vida, um sustento muito importante. Tenho minha esposa e meu filho, mas a terceira coisa na minha vida é mesmo os Canelas. Outra coisa, eu não tenho muitos amigos e não tenho muita família. Assim os Canelas são o que me sustenta espiritualmente. Não acredito muito nas religiões. Há muitas. Qual a melhor? Não sei, mas os Canelas me sustentam. Se não tivesse sido possível voltar aos Canelas por alguma razão, eu teria perdido uma coisa importante na minha vida. Mas mesmo que não fosse possível voltar ao Brasil eu teria os diários dos Canelas que eu ficaria estudando até o fim da minha vida. Os Canelas têm entrado em minha vida desta maneira tão importante, que quase não posso explicar.

Elizabeth Coelho - Quais os pesquisadores brasileiros que deram apoio, serviram como contraparte para suas vindas ao Brasil?

Crocker - O primeiro contraparte foi Eduardo Galvão. Ele foi muito bom para mim. Estava quase sempre em Belém, mas em 1964 era em Brasília. Estive ligado ao Museu Goeldi e ao Galvão até 1976, quando ele morreu. A partir de 1978 foi Expedito Arnaud, do Goeldi também, quem atuou como minha contraparte. Em 1991, foi Bertha Ribeiro que passou a ser a contraparte brasileira. A partir de 1993, Julio Cesar Melatti assumiu esse lugar, permanecendo até agora. Acho muito bom o Melatti. Podemos conversar como amigos. Sou

muito grato ao professor Melatti. Além das pessoas contrapartes, muitos outros antropólogos brasileiros têm me ajudado muito. Lembro-me muito bem, especialmente, do professor Egon Schaden. Encontrei minha antropologia perto da antropologia dele. Fora dos antropólogos brasileiros, lembro-me especialmente de Heloísa Alberto Torres e de Charles Wagley.

FIGURA 3: CROCKER EM 2005, NA UFMA, POR OCASIÃO DA CELEBRAÇÃO DO CONVÊNIO ENTRE A UFMA E A TIMBIRA RESEARCH AND EDUCATION FOUNDATION



Fonte: acervo pessoal Elizabeth Coelho

RECEBIDO EM: 10/07/09
APROVADO EM: 27/08/09